

A estátua do Pátio da Morte

Francisco Martins Sarmiento

O Pantheon, Porto, 1881, Ano I, pág. 382

Existe em Viana do Castelo, no pátio duma casa da rua da Bandeira, denominado “o Pátio da Morte”, uma estátua de pedra, que tem dado que entender aos arqueólogos.

A gravura dela pode ver-se nas *Noticias archeologicas de Portugal*, por E. Hübner, ou no livro do sr. Figueiredo da Guerra, intitulado *Viana do Castello*.

O eminente epigrafista alemão, que examinou por si mesmo a estátua, assentou que a inscrição, que se vê gravada no saio, remonta, segundo se infere da forma dos seus caracteres, ao 1.º século da nossa era. Escapou-lhe porém que no escudo da estátua aparecem insculpidas as armas dos Rochas, e que a cabeça da figura está coberta por um capacete “de dupla viseira e gola” — o que nos distancia muito do 1.º século.

Pondo em relevo estas duas particularidades, o sr. F. Guerra abraçou a opinião de que a estátua era relativamente moderna. Mas, para vingar esta afirmativa, força era destruir a autenticidade da inscrição, e isso é que ninguém conseguirá fazer.

Em todo o caso, a estátua de Viana tornou-se uma espécie de Esfinge, e alguns curiosos houve que pretenderam decifrar-lhe os enigmas. O sr. José Caldas, depois dum minucioso exame, chegou às seguintes conclusões: 1.º que as dúvidas quanto à autenticidade da inscrição não tinham fundamento; 2.º que a cabeça da estátua (cabeça

postiga) nunca tinha nascido para o tronco, onde hoje estava presa por um espigão de ferro; 3.º que o brasão dos Rochas fora desasadamente gravado no escudo, deturpando-lhe a sua forma primitiva muito visivelmente¹.

Daqui nascia a veemente suspeita de que a estátua calaica fora transformada, importa pouco com que intenção, num representante da Casa dos Rochas.

Pouco depois destas averiguações, e sem ter conhecimento delas, C. Castelo Branco colhia duns livros antigos e das notas marginais que os acompanhavam algumas notícias, que vieram lançar sobre a questão toda a luz que poderia desejar-se.

Segundo estas notícias, o antigo solar dos Rochas fora em S. Paio de Meixedo, na quinta da Portela, perto da qual havia umas ruínas antiquíssimas. A estas ruínas pertencia sem dúvida a estátua, que, diga-se de passagem, e idêntica às duas de Montalegre, hoje na Ajuda, à de 5.º Ovídio (Fafe) e a outras mais, todas encontradas nas proximidades de estações arqueológicas. O abade Afonso da Rocha mandou abrir na estátua as armas da casa, sendo provável que também fosse ele quem fizesse ajustar na descabeçada figura a cabeça anacrónica que ela hoje possui.

Quando, muito depois do ano 1622, os Rochas mudaram a sua residência para Viana, a estátua veio também, o que prova a veneração em que era tida, e não deixa a menor dúvida de que ela era considerada como o representante dum dos mais ilustres antepassados da família.

Como se estas curiosidades foram poucas e pequenas, aqui temos outra a estátua tinha uma lenda. "É tradição — diz o sr. F. Guerra — que um antigo senhor daquela casa, Rocha, fora mortalmente ferido no ventre, quando entrava no pátio; mas, animoso, com o escudo segura as vísceras, e com a dextra prostra aos pés o inimigo, e que nesse lugar jaziam ambos."

Se a tradição não indicasse precisamente o pátio da rua da

¹ A deturpação mais visível se torna, comparando o escudo deformado com os das outras estátuas congéneres.

Bandeira como teatro da tragédia, poderia suspeitar-se-lhe algum fundamento histórico, remontando ao passado; mas como ela não tem escrúpulo de nos dar o seu herói passeando em Viana, no século 17, de elmo medieval e armado de rodela e *sica*, como os lusitanos do tempo de Estrabão, é evidente que a lenda não passa duma pura fábula, que se explica facilmente, notando que a estátua de Viana, do mesmo modo que todas as suas parentas, “segura as vísceras com o escudo”, para nos servirmos da frase da tradição, i. e., tem o escudo numa posição que justifica esta frase.

Quer dizer: a lenda nasceu da boa vontade de explicar a posição do escudo, nada mais.

Guimarães, 3—11—81.